

## Uma história devolvida – notas sobre antropofagia

Jaider Esbell<sup>1</sup>

Já fez um século que aqui no Brasil um time de privilegiados artistas e intelectuais se articulou e lançou em diversos atos os gritos antropofágicos. O que pode significar esse feito que adveio da Semana de Arte de Moderna realizada em São Paulo em fevereiro de 1922? Certamente, o mais notável desses atos políticos e culturais vem do escritor Oswald de Andrade com seu celebrado *Manifesto antropofágico*. Desde que chegaram os primeiros homens brancos por nossas terras, esses eternos colonizadores não deixaram nada exatamente do que perceberam em nossas culturas sem uma intromissão. Não foi diferente com a ritualística dos Tamoios, Tupinambás, Tupis e parentes que comiam, em distintas circunstâncias, carne humana.

Importante destacar que a antropofagia não é uma prática que foi descoberta no “Mundo Novo”. O ato de algumas populações ao redor do mundo comerem seus inimigos de guerra para ritualizar a vingança — ou quem sabe até com a prerrogativa de que comendo seus corpos se coma também sua alma, suas virtudes como força, capacidade de liderança, ou inteligência — é uma relação maior de mundos. Foram relatos escritos e desenhados para a Europa sobre as práticas antropofágicas dos nativos. Estava comprovado que nas terras recém descobertas, de fato, haviam selvagens e canibais.

Nem o fato de alguns povos litorâneos comerem carne humana fez com que os colonizadores deixassem de avançar sobre o território —e, exatamente por essa característica (a de serem selvagens canibais), a ordem para que os exterminassem foi redobrada.

---

<sup>1</sup> Jaider Esbell tem 41 anos e nasceu em Normandia-RR onde hoje é o território indígena Raposa Serra do Sol. Aos 18 anos muda-se para a capital Boa Vista e em 2009 inicia sua trajetória profissional de artista, habilidade que percebeu ainda na infância ao receber de seu avô as primeiras narrativas sobre o demiurgo Makunaimî. Desde então Esbell tem trilhado uma múltipla jornada no campo das artes. Com uma atuação que vai do desenho ao cinema, o teatro e a literatura, o artista socializa ainda suas visões e impressões de mundo por meio da produção de conteúdo crítico sobre culturas em diversas publicações em periódicos acadêmicos. Saiba mais sobre o artista, sua trajetória e ações em [www.jaideresbell.com.br](http://www.jaideresbell.com.br)

Aconteceu o processo da invasão, do genocídio, veio o império, a colônia e a república. Certamente os Tupinambá, Tamoios e Tupis não puderam levar suas culturas adiante, mas a imagem do selvagem comedor de gente não saiu da cabeça da elite brasileira que seguia, como ainda segue, perdida de suas bases e estruturas identitárias.

Bem poderiam pensar eles depois de terem ido estudar na Europa, de onde não se adaptaram voltando ao Brasil, que os nativos selvagens e canibais já não existiam. Talvez eles, os jovens pensadores, artistas e *influencers* da alta sociedade paulistana entendessem (e uns deles até lamentassem) que os povos nativos haviam sido dizimados e que estariam livres para esbulhos, incluindo seus principais ritos, como a prática antropofágica.

Era uma juventude que sentia um incômodo comum que ainda hoje sentem os herdeiros desse mesmo tempo. Suspiram uma ascendência europeia e amargam o fato de não caberem naquele lugar. Sendo brasileiros não podem ser nativos, pois isso exige raízes muito mais densas que a matriz europeia. Cansados de uma identidade indefinida, o grupo de artistas propõe a criação de uma autêntica Cultura Brasileira. Seria isso simplesmente possível? Como fazemos essa leitura hoje, um século depois? Parte dessa motivação talvez esteja nessa performance: deles, nascidos entre São Paulo e Rio de Janeiro, que foram cuidados no berço de ouro por babás negras e indígenas, irem para a Europa para estudar, para se tornarem mais civilizados, e voltarem de lá muito mais vazios e perdidos do que partiram.

Assim a antropofagia também passa a ser desvirtuada quando eles começam a pensá-la como um ato de comer e vomitar e não como um gesto de comer, sorver e tirar dali nutrientes, substâncias e sustâncias. Me parece muito mais um ato de desgosto quando se ilustra a dinâmica de comer algo para ser vomitado logo em seguida. Em todo caso, foi essa uma das argumentações do movimento modernista ao se dedicar à adaptação, para uso e propósito próprio, da antropofagia.

Lhes parecia que, se os povos praticantes desse rito não existiam mais, ficávamos nós com a prática e dávamos a ela nossas próprias dimensões. Talvez eles, os brasileiros, lamentassem profundamente, como ainda fazem hoje, quando copiam e reproduzem o *american way of life*. Assim foi feito. A ideia era exatamente essa: comer e beber da cultura europeia, parisiense em especial, e vomitar sobre a memória inalcançável dos nativos uma cultura própria, a cultura brasileira.

Observe que dos povos nativos apenas se apropriaram do território, do rito e dos mitos. A cultura brasileira por eles defendida deveria especialmente ter uma língua

própria e decisivamente não deixava de ter os cânones europeus como parâmetro. Instaurou-se assim o Português do Brasil, a arte do Brasil europeizada, a literatura europeizada, a forma de fazer política e se comportar em terras alheias não deixou de ser escravocrata, exploratória e imperialista.

Que, na tentativa de forjar uma identidade mais autêntica, menos europeizada e mais raiz, o Mário de Andrade tenha se arvorado eleger as narrativas sobre o meu avô Makunaimî, lido de caderno de campo de um etnólogo alemão, lançando em seguida o *Makunaíma – O herói sem nenhum caráter!* Estava dado que um povo escuso que suplanta civilizações autóctones não pode ter caráter ou boa índole, pelo contrário, são os reflexos bárbaros de seus primeiros indivíduos.

Percebamos que mais uma vez a força de julgamento sobre os valores dos nativos é deturpada, depreciada, para transparecer que, não tendo os atributos culturais que uma sociedade civilizada exige, os nativos tenham mesmo que desaparecer e que esse desaparecimento seja oficializado, ilustrado e justificado no campo nobre do pensamento em formulação, nas artes, nas ciências, na elite social.

Para além dessas leituras sobre a apropriação indevida da prática antropofágica, o que nós artistas e intelectuais nativos podemos dizer ou trazer para compor essas infundáveis discussões? Quando nos organizamos enquanto agentes que somos, como partes muito bem definidas de um sistema maior, fica mais fácil passear por sobre as armadilhas que estão contidas nesses conteúdos. Arrisco dizer que não estamos no mesmo movimento de comer e vomitar uma cultura que a priori não existia. Nós não podemos e nem precisamos dessa arguição. O que nós estamos fazendo e trazendo para esse dito palco da arte são as continuidades de nossas tradições.

Acontece que finalmente parece que percebemos uma nova forma de fazer política. As chamadas artes surgem para nós como campo de batalha também, política, ideológica, moral. É relativamente recente a consciência sobre o que vimos desenvolvendo desde os primórdios de nossa origem, ainda na caverna, quando o curandeiro ou xamã acessa o cosmos, conversa com o grande espírito e traduz para a comunidade, por meio de falas e desenhos, as instruções. Percebam que tendo essa consciência de origem indissociável, não ficamos sujeitos a crises de identidades ou a vazios existenciais. Enquanto nativos não precisamos forjar uma cultura ou uma identidade. Não precisamos tampouco nos arvorar em querer territórios que não sejam nossos. A nossa movimentação vai então em um sentido contra-antropofágico: não seria nem uma reantropofagia, mas um ato contínuo de narrar a autocriação e

passagem no tempo, o contato e o afastamento natural que acontece quando duas naturezas simplesmente não querem e nem podem se copiar e se fundir.

Em poucas linhas era essa a minha colaboração crítica sobre a antropofagia. Eu não poderia escrever essas impressões pessoais sem que eu me firmasse no meu lugar, em minha posição. Eu escrevi como o que sou, um nativo, um indivíduo do povo Makuxi que antes de ser brasileiro, tem plena consciência de sua identidade maior, primeira. Não sou um simples brasileiro, eu penso, vivo, ajo e escrevo como um nativo, eu não me cobro sobre uma identidade nacional, a minha cultura não é nem de longe o reflexo de uma cultura brasileira. A noção de cultura brasileira continua vaga, falha e deficiente. Nem mesmo o esforço coletivo no campo das artes e da literatura deram ao Brasil uma identidade própria. Ao renegar as culturas originárias como as bases dessa que seria uma cultura nacional, o Brasil e o brasileiro vão continuar vagando no campo das identidades culturais. Recentemente o nosso país se demonstrou ainda mais incapaz de sustentar uma identidade própria. Volta de costas para seus vizinhos latino-americanos e a nação brasileira busca nos Estados Unidos referências culturais que não consegue e não quer assimilar.